



Os Ys cresceram em ambiente bem diferente, com estabilidade econômica, inflação sob controle, globalização e oportunidades abertas. Convivem com a internet desde a infância e se acostumaram às decisões coletivas, ao debate sempre aberto, à interação permanente. Nas empresas, eles vêm sendo considerados, numa interpretação favorável, como questionadores; numa interpretação não tão favorável, como insolentes. “É uma geração mais aberta a novas possibilidades, que tem muito compromisso consigo mesma. Se o jovem não estiver satisfeito com o trabalho ou quiser outras oportunidades, não fica na empresa”, afirma Sara Behmer, presidente da consultoria de recursos humanos Voyer e professora da Brazilian Business School.

Se a nova estabilidade econômica tornou os Ys brasileiros mais ambiciosos e dispostos a arriscar, o desenvolvimento econômico nos Estados Unidos (e uma certa decepção com o jeito tradicional de fazer negócios, pelas crises dos anos 2000) tornou os Ys americanos extremamente exigentes e idealistas. Eles fazem questão de ter equilíbrio entre vida pessoal e carga de trabalho, buscam empresas com boa reputação e alto padrão ético e querem ter funções cujo objetivo seja o bem maior da sociedade. Todas metas muito admiráveis – e que bateram de frente com a crise.

Agora, o ambiente desfavorável parece fazer a Geração Y americana “envelhecer” rapidamente, de acordo com o levantamento da Universum, que nos EUA envolveu 56 mil universitários. A consultoria faz a pesquisa anualmente com os americanos desde 2000. O índice de desemprego no país mais que dobrou em dois anos, para 10,2%, e é duas vezes maior entre jovens. Neste ano, menos universitários responderam que priorizam o comportamento ético de uma companhia e mais disseram estar preocupados em ter um emprego estável. Menos jovens fazem questão de um ambiente dinâmico e criativo e mais buscam uma empresa com solidez financeira. Eles percebem que, neste momento, não dá para exigir muito além do que seus pais queriam: primeiro, um emprego que pague salário. Depois, a segurança de que esse emprego continuará existindo dali a alguns meses.

Mesmo com a crise, os jovens americanos ainda se preocupam mais com a ética da empresa do que os brasileiros. “Na década de 90, começou uma mudança de mentalidade mundial em relação à defesa do meio ambiente, de valores éticos e combate à corrupção. O Y cresceu nessa sociedade em transformação”, afirma Honorato, do Profuturo. Adriana Prates, diretora da consultoria Dasein, diz que o engajamento em causas ambientais sempre foi “coisa de americano”. Nos Estados Unidos, o consumo é muito maior que aqui – e o estrago ambiental também. Por isso o maior nível de preocupação. “Lá, essa questão envolve a sociedade toda. Aqui, a preocupação é de cada um. Os Ys brasileiros agem como formiguinhas.”

Guilherme Mosaner é como a “formiguinha” à qual Adriana se refere. Antes de entrar no curso de administração, ele fez um ano e meio de geografia na Universidade de São Paulo (USP). “Larguei porque queria uma coisa mais ativa. Vi que não adianta ficar panfletando, você tem de fazer.” Ele viu na nova carreira oportunidades mais concretas de desenvolver e implementar projetos. “Você não resolve o mundo no macro, mas no micro”, afirma. O cuidado “micro” com o meio ambiente aparece em hábitos como reutilizar papel para rascunho, economizar energia em casa e não pedir segunda via, de papel, do pagamento com cartão de débito. “Meu esforço é para não ter tanto impacto no ambiente”, diz. “É todo mundo com quem eu convivo da minha idade pensa de um jeito parecido.”

Os jovens com até 30 anos ocupam 32% dos postos de trabalho no Brasil. Traços desse grupo, como o apego a valores tradicionais, o comportamento questionador e a preocupação com o equilíbrio entre emprego e vida pessoal podem fazer a Geração Y reinventar a forma como trabalhamos, segundo José Tolovi Jr., presidente da empresa de pesquisa e consultoria Great Place do Work, especialista em qualidade de ambientes de trabalho. Mas, assim como as empresas têm se transformado para se adaptar a eles, os jovens também mudam. O contato com a realidade – a concorrência, os obstáculos, as tarefas a cumprir em pouco tempo, as crescentes necessidades da vida adulta – atenua os sonhos e os torna mais práticos. Querendo ou não, vão seguir o conselho de Néelson Rodrigues.

## Choque de realidade

Entre 2008 e 2010, com a crise, os universitários americanos passaram a sonhar menos e querer mais estabilidade

### Meu maior objetivo na carreira é

#### ter segurança ou estabilidade



### O empregador ideal é aquele que oferece

#### um emprego estável



#### um trabalho desafiador



### A imagem do empregador ideal transmite

#### poder financeiro



#### alto padrão ético



### Em termos financeiros, o emprego ideal oferece

#### bom salário já



#### possibilidade de ganho futuro



Fonte: Universum - pesquisa feita entre fevereiro e abril com 56 mil universitários nos EUA

- Leia as últimas notícias
- Leia outras reportagens desta edição

Fechar